krishnamurti

PALESTRAS NO BRASIL

Segunda Edição
atualizada e revisada



Palestras no Brasil

Palestras com perguntas e respostas realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Niterói, Brasil, em 1935

Tradução de Aleixo Alves de Souza

Jiddu Krishnamurti

Índice

- **Palestra em São Paulo**

Perguntas:

1 - Como encarais a mediunidade e a comunicação com os espíritos dos mortos?

2 - Para atingir a verdade, deve o indivíduo abster-se do casamento e da procriação?

3 - Negais a religião, Deus e a imortalidade? Como pode a humanidade tornar-se mais perfeita e mais feliz sem acreditar nessas coisas fundamentais?

4 - Para podermos alcançar a verdade, devemos trabalhar sós ou coletivamente?

5 - Sois contra a instituição da família?

6 - Eu não me importo com o que acontecer depois da morte, porém tenho medo de morrer. Devo combater este medo? Como hei de vencê-lo?

- **Terceira palestra no Rio de Janeiro**

Perguntas:

1 - A mera revolução econômica e social resolveria todos os problemas humanos ou deveria ela ser precedida por uma revolução espiritual interna?

2 - Não pertenço à religião alguma, porém sou membro de duas sociedades que me dão conhecimento e sabedoria espiritual. Se as abandonar, como poderei alcançar a perfeição?

3 - Desejo muitas coisas na vida, que não possuo. Podeis dizer-me como obtê-las?

4 - Parece que negais o valor da disciplina e dos padrões morais. Pois não será a vida um caos sem disciplina e sem moral?

- **Quarta palestra no Rio de Janeiro**

Perguntas:

1 - Que pensais da caridade e da filantropia social?

2 - Deveriam ser destruídos os dez mandamentos?

3 - Existe Deus?

4 - Não são necessários os sacerdotes para conduzir os ignorantes à retidão?

5 - É possível atingir a perfeição entre os imperfeitos?

- **Quinta palestra no Rio de Janeiro**

Perguntas:

1 - Não poderemos ser guiados na vida diária pelos sábios conselhos que nos são dados por vozes e pelos espíritos dos mortos?

2 - Têm os ensinamentos atribuídos a Grandes Mestres - Cristo, Buda, Hermes e outros mais - de valor para o atingimento do direto caminho para a Verdade?

3 - Se é um fato que o vosso futuro, como Instrutor do Mundo, foi previsto, não será, nesse caso, a predestinação um fato da natureza, e não seremos nós, meramente, escravos de um destino determinado?

4 - O que é o poder da vontade humana?

5 - Que é a ação?

- **Palestra em Niterói**

Perguntas:

1 - Se a inteligência da maioria das pessoas for tão limitada que elas não possam encontrar a verdade por si próprias, não serão os Mestres e os instrutores necessários para mostrar-lhes o caminho?

2 - Não pode o homem ser liberto por meio da ciência?

3 - Desejaria saber se necessitamos de oração e como devemos orar?

4 - É a alma uma realidade?

5 - Não é o egoísmo a raiz da exploração econômica e religiosa?

6 - Deixo a minha imaginação vaguear intemeratamente; estará isto certo?

7 - Estais pregando o individualismo?

Descrição do Livro

Palestras no Brasil oferece-nos o conteúdo completo das palestras de Jiddu Krishnamurti aquando a sua passagem pelo Brasil, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Niterói, em 12 de abril a 14 de junho de 1935.

Neste livro, Krishnamurti aborda questões fundamentais da vida, tais como: '*A busca de Segurança e Felicidade', 'Indivíduo', 'Moral', 'Ação Verdadeira' e 'sobre Viver Integralmente'*, além de responder a inúmeras questões colocadas pelos seus ouvintes, tais como:

"Existe Deus?"

"Sois contra a instituição da família?"

"Deveriam ser destruídos os dez mandamentos?"

"Se o "Instrutor do Mundo" foi um fato, não seremos nós escravos de um destino determinado?"

... entre outras questões.

Primeira Palestra no Rio de Janeiro

(13 de Abril de 1935)

Amigos, jornais e revistas deram curso a tantos conceitos errôneos e mal-entendidos relativamente à minha pessoa, que julgo ser melhor dar uma explicação que venha esclarecer o caso. As pessoas, geralmente, desejam ser salvas por outrem ou, então, por meio de algum milagre ou mediante ideias filosóficas; e receio que muitos aqui venham eivados desse desejo e na esperança de que, por simplesmente me ouvirem, irão encontrar solução imediata para os seus múltiplos problemas. Nem a solução dos seus problemas, nem a sua pretensa salvação lhes pode ser outorgada por intermédio de outra pessoa ou mesmo por qualquer sistema de filosofia. O entendimento da verdade ou da vida obtém-se pelo nosso próprio discernimento, pela nossa própria perseverança e clareza de pensamento. Pelo fato de nós, em grande maioria, termos demasiada preguiça

de pensar por nós mesmos, vamos cegamente aceitando e seguindo pessoas ou ideias, que se tornam para nós meios de evasão, em tempos de conflito e sofrimento.

Antes de tudo, desejo declarar que não pertenço a sociedade alguma. Não sou teosofista nem missionário teosófico e nem tampouco aqui vim para vos converter a qualquer forma especificada de crença. Acredito não ser possível seguir a alguém ou aderir a determinada crença e, ao mesmo tempo, possuir a capacidade de pensar com clareza. Eis porque a maioria dos partidos, das sociedades, das seitas e das corporações religiosas se torna meio de exploração. Tampouco sou portador de uma filosofia oriental, concitando-vos a que a aceiteis. Quando falo na Índia, dizem-me ali que anuncio uma filosofia do ocidente; e, quando venho para países ocidentais, dizem que trago um misticismo oriental que não é pratico e que, portanto, é inútil para o mundo das ações. Se, porém, realmente refletirdes, haveis de ver que para o pensamento não há nacionalidades, nem tampouco se acha ele restrito a qualquer país, clima ou povo. Portanto, peço-vos que não considereis o que vos vou dizer como o resultado de um determinado preconceito racial, de uma especificada idiossincrasia ou peculiaridade. O que vos tenho a dizer é atual, efetivo, no sentido de poder ser aplicado à vida atual do homem, e não, em absoluto, coisa teórica, baseada em certas teorias ou crenças, porém sim baseada, se me é permitido personalizar, em minha própria experiência. É praticável e aplicável ao homem. Agora, o pleno significado do que vos vou dizer somente pode ser compreendido por meio da experiência e, portanto, da ação. À maioria de nós outros agrada a discussão sobre questões filosóficas que não se relacionam com

as nossas ações diárias; ao passo que aquilo de que vos falo não é uma filosofia nem um sistema de pensamento, e seu profundo significado somente pode ser compreendido por meio da experiência e, consequentemente, da ação. O que vos digo não é uma teoria ou crença intelectual para ser meramente discutida, para servir de motivo a controvérsias; é coisa que exige reflexão demorada; e, para descobrir a sua utilidade prática, a verdade que contém, o de que se necessita é ação e não debate intelectual. Não é um sistema para ser guardado de memória nem um conjunto de conclusões a ser aprendido e automaticamente executado. Deve ser criticamente compreendido.

Crítica, porém, é coisa diferente de oposição. Se realmente fordes críticos, não vos oporeis pura e simplesmente, mas haveis de vos esforçar para averiguar se o que eu digo tem mérito intrínseco em si mesmo. Isso exige clareza de pensar de vossa parte, de modo a vos ser possível passar além da ilusão das palavras, não permitindo que os vossos preconceitos, sejam eles econômicos ou religiosos, vos impeçam de pensar fundamentalmente. Isto é, tendes que pensar a partir do começo, pensar simples e diretamente. Todos nós havemos sido educados com muitos preconceitos, muitas ideias preconcebidas, fomos criados por entre tradições que corrompem, limitados pelo ambiente, e, por isso, está o nosso pensamento, continuamente, sendo torcido e pervertido, impedindo destarte a simplicidade da ação.

Tomai, por exemplo, a questão da guerra. Sabeis que muita gente discute sobre se a guerra é um bem ou um mal. Certamente, não pode haver duas maneiras de encarar este assunto: a guerra é fundamentalmente um

mal, seja defensiva ou ofensiva. Ora, para pensarmos, desde o principio, a respeito deste assunto, tem a mente que estar inteiramente liberta da moléstia do nacionalismo. Somos impedidos de pensar fundamental, direta e simplesmente, em virtude dos preconceitos que têm sido explorados, durante idades, sob a forma de patriotismo, com todo o seu séquito de coisas absurdas. Por muitos séculos, pois, havemos criado hábitos, tradições, preconceitos que impedem o indivíduo de pensar de maneira integral, fundamental, acerca dos vitais assuntos humanos.

Ora, para compreender os múltiplos problemas da vida, com todas as suas variedades de sofrimento, temos que, por nós próprios, descobrir seus motivos e causas fundamentais, com seus implícitos resultados e efeitos. Porque, se não estivermos plenamente conscientes das nossas ações e das suas causas e respectivos efeitos, nós exploraremos e seremos explorados, tornar-nos-emos escravos de sistemas, vindo as nossas ações a tornarem-se apenas mecânicas e automáticas. Enquanto não pudermos, conscientemente, libertar as nossas ações de seu efeito limitador, por meio da compreensão do significado de suas causas, a não ser que, conscientemente, rompamos com as velhas formas de pensamento que em nosso derredor havemos construído, não nos será possível ultrapassar as inúmeras ilusões que nos rodeiam e havemos criado, nas quais estamos embaraçados. Cada qual tem que perguntar, a si próprio, o que está buscando, a fim de averiguar se está meramente deixando-se arrastar pelas circunstancias e condições ambientes, sendo, portanto, irresponsável e irrefletido. Aqueles dentre vós que realmente se acharem descontentes, aqueles que forem críticos, devem já ter perguntado a si próprios o que é que cada indivíduo anda pro-

curando. Procurais conforto, segurança, ou procurais a compreensão da vida? Muitas pessoas dirão que estão buscando a verdade. Se, porém, analisarem a natureza de suas aspirações, de sua busca, verificarão que realmente estão à procura de conforto, de segurança, de uma evasão do conflito, do sofrimento. Ora, se andais à procura de conforto, de segurança, essas coisas terão que se basear na aquisição, portanto, na exploração e na crueldade. E, se disserdes que estais buscando a verdade, tornar-vos-eis prisioneiros da ilusão, pois que a verdade não é coisa em cujo encalço se corra, não pode ser buscada, tem que ser ela um acontecimento. Isto é, o seu êxtase é somente perceptível quando a mente está, por completo, despojada de todas as ilusões que haja criado em virtude da busca de sua própria segurança e conforto. Só então terá lugar o alvorecer daquilo que é a verdade. Expressando isto mesmo em outros termos: temos que, a nós próprios, interrogar no sentido de saber em que é que toda a nossa vida, todo o nosso pensamento e toda a nossa ação se baseiam. Se pudermos responder a esta pergunta de modo completo e verdadeiro, então, por nós mesmos, averiguaremos quem é o criador das ilusões, o criador dessas supostas realidades, das quais nos havemos tornado prisioneiros.

Se realmente refletirdes sobre isto, verificareis que toda a vossa vida está baseada na consecução da segurança, da salvação e do conforto individual. Desta busca de segurança naturalmente nasce o medo. Ao buscar conforto, ao tentar evadir-se da luta, do conflito e da tristeza, a mente tem de criar varias vias de fuga, e essas vias tornam-se as nossas ilusões. Portanto, o medo, que é a resultante da busca individual da segurança, é também o criador das ilusões. Este medo arrasta-vos de uma para outra seita

religiosa, de uma filosofia para a outra, de um para outro instrutor, até encontrardes a segurança e o conforto que desejais. A isto chamais busca da verdade e da felicidade. Ora, conforto e segurança são coisas que não existem; existe somente a clareza de pensar, que produz a compreensão da causa fundamental do sofrimento, a qual unicamente pode libertar o homem. Nessa libertação reside a beatitude do presente. E digo-vos que existe uma eterna realidade, a qual só pode ser descoberta quando a mente está liberta de todas as ilusões. Portanto, acautelai-vos contra a pessoa que vos dá conforto, pois nela tem que haver exploração; essa pessoa cria uma armadilha na qual ficais colhidos como o peixe na rede. Na busca do conforto e da segurança, a vida chegou a ser dividida em vida religiosa ou espiritual e vida econômica ou material. A segurança material encontra-se por meio da posse de bens que proporcionam o poder; e é em virtude desse poder que esperais alcançar a felicidade. Para atingir esta segurança material, este poder, tem que haver exploração, a exploração do vosso próximo mediante um sistema deliberadamente estabelecido, que se tem tornado hediondo pelas suas múltiplas crueldades. Esta busca de segurança individual, em que se acha incluída também a nossa família, criou as distinções de classe, os ódios de raça, o nacionalismo, coisas essas que, eventualmente, terminam em guerras.

E há um fato curioso que podeis verificar, se sobre ele refletirdes: a religião, a quem competia a condenação da guerra, ajuda a promovê-la. Os sacerdotes, que se teriam como sendo os educadores do povo, animam todas as espécies de absurdos criados pelo nacionalismo, e que cegam o povo em momentos de ódio nacional. Naturalmente, pois, criais um siste-

ma baseado no conforto e na segurança individual, a que chamais religião. Vós é que haveis criado as religiões, que são formas cristalizadas do pensamento e que têm por fim assegurar a imortalidade pessoal. Em uma de minhas próximas palestras, hei de abordar de novo esta questão da imortalidade.

Assim, pois, em virtude da busca de segurança individual, movidos pelo desejo da continuidade do ser individual, haveis criado uma religião que vos explora por meio do clericalismo, por meio das cerimônias, por meio dos pretensos ideais. O sistema a que chamais religião, e que foi originariamente criado em virtude do vosso apelo por segurança, tornou-se tão poderoso, tão realista, que mui poucos são os que se libertam do seu peso, do fardo esmagador da tradição e da autoridade. O ponto inicial de partida, para uma verdadeira crítica, reside na perquirição dos valores que a religião em nosso redor estabeleceu. Ora, todos nós estamos encerrados neste âmbito; e, enquanto estivermos escravos de um ambiente e de valores não pesquisados, não postos em dúvida, sejam passados ou presentes, têm eles que perverter a integridade das ações. Esta perversão é a causa do conflito entre o indivíduo, que busca a segurança, e a coletividade; entre o indivíduo e o contínuo movimento da experiência. E, do mesmo modo por que, individualmente, havemos criado este sistema de exploração e de esmagadora limitação, temos também que, individual e conscientemente, derrubá-lo por meio da compreensão relativa ao alicerce dessa construção, e não pelo mero criar de novos conjuntos de valores que nada mais serão que novas series de evasões. E assim, verdadeiramente, começaremos a penetrar o significado real do viver.

Sustento que existe uma realidade, dá-lhe embora o nome que quiserdes, a qual somente poderá ser compreendida e vivida quando a mente e o coração houverem penetrado a ilusão dos falsos valores e deles se tiverem libertado. Somente então existirá o eterno.

Segunda Palestra no Rio de Janeiro

(17 de Abril de 1935)

Amigos, nesta ligeira palestra de introdução, antes de responder a algumas das perguntas que me foram feitas, desejo expressar algumas ideias para que sobre elas reflitais, crítica e inteligentemente. Não desejo entrar em detalhes; porém, ao pensardes naquilo que eu digo e ao tentardes executá-lo, verificareis a sua importância prática num mundo de cruel e aterrorizante caos.

A primeira coisa que devemos compreender é que, enquanto existir distinção entre o indivíduo e o grupo, haverá conflito, tem que haver exploração, tem que haver sofrimento. O conflito que existe no mundo trava-se realmente entre o indivíduo, que busca consecução, e o agrupamento. Na expressão dessa força única, como indivíduo, entrará este inevitavelmente em conflito com a coletividade, e esse conflito só faz aumentar a di-

visão existente entre ambos. A mera imposição superficial e o esmagamento de um pelo outro não podem libertar o mundo da exploração e das crueldades oriundas da repressão. Enquanto não compreendermos as verdadeiras relações existentes entre o indivíduo e o agrupamento, bem como a verdadeira função do indivíduo entre os muitos, tem que haver um guerrear contínuo. Para mim, esta distinção entre o indivíduo e o agrupamento é artificial e falsa, embora pretensamente uma realidade. Enquanto não compreendermos verdadeiramente como a consciência do grupo veio à existência, e também o que o indivíduo é e qual a sua função, haverá contínuo atrito.

Esta noite, antes de responder às perguntas que me foram dirigidas, procurarei explicar o que entendo por indivíduo. A consciência do grupo nada mais é que a expansão da consciência do indivíduo; portanto, ocupar-nos-emos com o pensamento e a ação do indivíduo. Embora o que eu digo vos pareça uma inovação, peço-vos examiná-lo sem preconceitos. O indivíduo é o resultado do passado, expressando-se através do ambiente do presente, sendo o passado aquilo que lhe veio por herança, que é incompleto, e o presente aquilo que é criado pela falta de inteireza. O passado nada mais é que o pensamento, a emoção e a ação incompletos, isto é, o pensamento, a emoção e a ação condicionados e limitados pela ignorância. Expressando isto por modo diferente: se uma pessoa houver desenvolvido certo fundo de ideias, resultante das tradições, do ambiente econômico, da hereditariedade, do adestramento religioso, e se fizer esforços para se expressar através da limitação desse fundo de ideias, naturalmente, em tal caso, suas ações, pensamentos e sentimentos têm que ser limitados, condi-

cionados. Isto é, sua mente achar-se-á pervertida, torcida pelo seu passado e, com essa limitação, tenta ele defrontar a vida e compreender-lhe as experiências. Portanto, a ignorância é o acumulo dos resultados da ação executada através dos múltiplos impedimentos que o indivíduo não compreendeu por completo. Esses empecilhos foram criados pelo seu pensamento para sua autoproteção. Cada indivíduo está constantemente buscando e criando segurança para si, e, portanto, sua inteira reação para com a vida é de autodefesa. Enquanto a mente e o coração procurarem meios de se proteger mediante ideais e valores defensivos, haverá necessariamente ignorância, a qual impede a mente de atuar, plena e completamente, para destarte desenvolver a sua própria unicidade, que chamamos individualidade, e que inevitavelmente entra em conflito com as outras muitas individualidades. É esta a causa fundamental do sofrimento.

Agora, na minha opinião, a verdadeira função da individualidade consiste em libertar a mente desse passado, dessa ignorância com seu ambiente limitado. Nesse processo de libertação, nasce a verdadeira inteligência, a única que liberta o homem do sofrimento, das crueldades e da exploração. Quando, portanto, a mente estiver liberta do hábito e da tradição, que a levam a buscar e criar valores para sua autoproteção, por meio do acúmulo, que é ignorância, e quando defrontar a vida completa, integralmente nua e livre, somente então haverá o discernimento perdurável daquilo que é verdadeiro.

Pergunta: É possível viver sem exploração individual e comercial?

Krishnamurti: A maioria de nós é arrastada pela mera sensação da posse; desejamos adquirir e, portanto, começamos a acumular cada vez mais, imaginando que através do acúmulo encontraremos a felicidade e a segurança. Enquanto, porém, existir o desejo de acumular, de adquirir, haverá exploração; e somente nos poderemos libertar dessa exploração quando começarmos a despertar a inteligência, com o destruir dos valores autoprotetores. Se, porém, tentarmos descobrir quais são as nossas necessidades e a elas nos restringirmos, então nossa vida tornar-se-á vã, superficial e mesquinha. Ao passo que, se vivêssemos inteligentemente, sem acúmulos autoprotetores, então não existiria a exploração, com suas múltiplas crueldades. Tentar solver estes problemas pelo mero controlar das condições econômicas do homem, ou pela simples renúncia, parece-me um meio errôneo de abordar tão complicada questão. Só mediante a compreensão voluntária e inteligente da futilidade e da ignorância da autoproteção é que pode ter lugar a libertação permanente da exploração. Despertar a inteligência é descobrir, por meio da dúvida e da pesquisa, o verdadeiro significado dos valores que se houverem adquirido e também das tradições, sejam elas religiosas, sociais ou econômicas, que houvermos herdado ou conscientemente construído. Num perquirir assim, real e vital, funda-se a descoberta inteligente das nossas necessidades. Esta inteligência é a segurança da felicidade.

Pergunta: Deveremos despedaçar nossas espadas e transformá-las em arados, ainda que o nosso país seja atacado por um inimigo? Não será um dever moral defender nosso país?

Krishnamurti: Para mim, a guerra é coisa fundamentalmente errônea, seja ela defensiva ou agressiva. O sistema de aquisições, no qual se baseia toda a nossa civilização, tem que naturalmente criar classes, distinções sociais e nacionalidades, as quais inevitavelmente conduzirão à guerra, que se pode então denominar defensiva ou ofensiva, de acordo com os ditames dos líderes comerciais ou as opiniões dos políticos. Enquanto este explorador sistema econômico existir, tem que haver guerras; e o indivíduo que se defronta com o problema - se deve ou não combater - terá que decidir de acordo com o seu sentimento de aquisição, o qual, por vezes, ele chama patriotismo, ideais e assim por diante. Ou então, compreendendo que todo esse sistema conduzirá inevitavelmente à guerra, ele individualmente começará a se libertar inteligentemente deste sistema, o que vem a ser a única solução verdadeira. No decurso de muitos séculos, o nosso espírito de aquisição construiu este sistema esmagador de exploração, que está destruindo toda a nossa sensibilidade, todo o nosso amor recíproco. E na própria pergunta - "não deveríamos combater pelo nosso país, não será esse o

nosso dever moral?" - já existe algo de implicitamente errôneo, algo de fundamentalmente cruel na própria pergunta.

O homem, para se libertar dessa estupidez extrema que é a guerra, tem que voltar a aprender a pensar desde o princípio. Enquanto a humanidade estiver dividida pela religião, por seitas, por credos, por classes, e por nacionalidades, haverá sempre a guerra, a exploração, o sofrimento. Só quando a mente começa a se libertar dessas limitações, só quando a mente mergulha dentro do coração, é que existe verdadeira inteligência, a qual, unicamente, é a solução perdurável para as crueldades bárbaras desta civilização.

Pergunta: Como poderemos ajudar melhor a humanidade a compreender e viver vossos ensinos?

Krishnamurti: É muito simples: vivendo-os vós mesmos. O que estou eu ensinando? Não vos dou um novo sistema, ou um novo conjunto de crenças; digo-vos, porém, que olheis para a causa criadora desta exploração, para a falta de amor, o medo, as guerras continuadas, o ódio, as distinções de classes, as divisões de homem contra homem; a causa é fundamentalmente o desejo, por parte de cada um, de a si próprio proteger por meio da aquisição, por meio do poder. Todos desejamos prestar auxílio ao mundo, porém jamais começamos por nós mesmos. Pretendemos reformar

o mundo, porém a mudança fundamental terá que se operar primeiro em nós mesmos. Principiai, portanto, por libertar a mente e o coração do sentimento da posse. Isto exige não a mera renúncia, porém o discernimento, a inteligência.

Pergunta: Qual a vossa atitude em face do problema do sexo, que desempenha papel tão preponderante em nossa vida diária?

Krishnamurti: Isso só se tornou um problema pelo fato de não haver amor. Não é assim? Quando realmente se ama, não existe problema, há um ajustamento, um entendimento. Só quando perdemos o senso do verdadeiro afeto, desse profundo amor no qual não há sentimento de posse, é que o problema do sexo surge; é só quando, por completo, nos entregamos à mera sensação, que os múltiplos problemas relativos ao sexo vêm à existência. Como a maioria das pessoas já perdeu a alegria do pensar criador, voltam-se, naturalmente, para a mera sensação decorrente do sexo, que se torna então um problema que lhes devora a mente e o coração. Enquanto não principiardes por investigar e compreender o significado do ambiente, dos múltiplos valores que haveis criado ao redor de vós para a proteção individual, e que esmagam o pensar fundamental, criador, naturalmente tereis que recorrer a muitas formas de estímulo. Daí surgem inúmeros pro-

blemas para os quais não há outra solução que não seja a fundamental e inteligente compreensão da própria vida.

Por favor, fazei experiências com o que estou dizendo. Principiai por descobrir o verdadeiro significado da religião, do hábito, da tradição, de toda essa questão de moral que, continuamente, vos está forçando, orientando-vos em determinada direção; principiai perquirindo seu inteiro significado, sem preconceitos. E, então, começareis a despertar esse pensamento criador que vem a ser o dissolvente dos múltiplos problemas nascidos da ignorância.

Pergunta: Acreditais na reencarnação? É ela um fato? Podeis fornecer-nos provas oriundas de vossa experiência pessoal?

Krishnamurti: A ideia da reencarnação é tão velha como as montanhas, isto é, a ideia de que o homem, por meio de múltiplos renascimentos, passando por inúmeras experiências, chegará, por fim, à perfeição, à verdade, a Deus. Ora, o que é, nesse caso, que continua? Para mim, essa coisa que supostamente tem continuidade nada mais é que uma serie de camadas de lembranças, de certas qualidades, de certas ações incompletas, que foram condicionadas, impedidas pelo medo nascido da autoproteção.

Agora, essa consciência incompleta é o que nós chamamos o ego, o "eu". Como expliquei de começo em minha ligeira palestra de introdução, a individualidade é o acumulo dos resultados de várias ações, embaraçadas por certas ideias filosóficas herdadas; procurarei, entretanto, simplificar o assunto. Quando falais no "eu", entendeis por tal um nome, uma forma, certas ideias, certos preconceitos, certas distinções de classe, certas qualidades, certos preconceitos religiosos, e assim por diante, que foram desenvolvidos por meio do desejo de autoproteção, de segurança e de conforto. Para mim, portanto, o "eu", baseado que é numa ilusão, não tem realidade.

Portanto, a questão não é de saber se existe a reencarnação ou não, se existe ou não uma futura possibilidade de crescimento, porém, sim, de saber se a mente e o coração podem libertar-se dessa limitação oriunda do "eu" e do "meu". Haveis perguntado se acredito ou não na reencarnação, porque esperais, em virtude da minha afirmativa, poder postergar o entendimento da ação no presente e chegar, eventualmente, a realizar esse êxtase da vida ou da imortalidade. O inquiridor, ou sejais vós mesmos, deseja saber se o indivíduo, forçado a viver num ambiente limitado, com limitadas oportunidades, pode, através dessa miséria e de todo esse conflito, chegar jamais a realizar esse êxtase da vida que é a imortalidade.

Visto a hora estar adiantada, sou obrigado a resumir e espero que reflitais sobre o que se segue. Afirmo que existe a imortalidade, a qual, para mim, é de experiência pessoal; entretanto, ela só poderá ser realizada quando a mente não mais estiver com a vista fixa num futuro, em que haja de viver mais perfeita, mais completa, mais ricamente. A imortalidade é o

infinito presente. Para entender o presente com o seu pleno, rico significado, a mente tem que se libertar do hábito da aquisição autoprotetora, e, quando ela estiver por completo desnuda, somente então existirá a imortalidade.

Palestra em São Paulo

(24 de Abril de 1935)

Muitas perguntas me foram feitas relativamente ao futuro individual de pessoas e de suas esperanças, se alcançariam êxito em certos negócios, se deveriam abandonar este país e estabelecer-se na América do Norte, quem deveriam escolher para se casar, e assim por diante. Não posso responder a tais perguntas, pois não sou ledor de buena dicha. Sei que estas questões são reais e perturbadoras, entretanto elas têm que ser resolvidas pessoalmente pelo interessado. Escolhi, dentre as inúmeras que me foram feitas, as que resumem várias outras. Porém, penso que seria vão e uma perda de tempo para vós e para mim, se o que vou dizer e o que já disse fosse por vós aceito como qualquer problema filosófico que à mente servisse apenas de diversão. Tenho algo de vital a vos dizer, algo de aplicável à vida, não mera sugestão, porém algo que, sendo compreendido, vos le-

vará à solução dos múltiplos problemas da vida quotidiana. Minha resposta a qualquer dessas perguntas não parte de qualquer ponto de vista particular, pois sinto que todos os problemas deveriam ser tratados não separadamente, mas como um todo. Se pudermos atingir esse desiderato, nossos pensamentos e ações tornar-se-ão sãos e equilibrados.

Por favor, não repelis nenhuma destas perguntas por pensardes serem elas burguesas ou feitas pela classe dos ociosos. São perguntas humanas, como tais deveriam ser consideradas, e não como pertencentes a qualquer classe em particular.

Pergunta: Como encarais a mediunidade e a comunicação com os espíritos dos mortos?

Krishnamurti: Pode-se rir da pergunta ou tomá-la à sério. Em primeiro lugar, não discutamos se os espíritos existem ou não, porém consideremos o desejo que nos leva a nos comunicarmos com eles, pois esta é a parte mais importante da pergunta.

Para a maioria das pessoas que se dão a essas práticas, na comunicação com os mortos está implícito o desejo de serem guiadas, de que se lhes diga o que devem fazer, por se acharem constantemente incertas relativamente as suas ações; e assim esperam, pela comunicação com os mor-

tos, encontrar orientação, poupando-se ao trabalho de pensar. Portanto, o seu desejo é o de obter orientação, de serem guiadas, a fim de não cometerem erros e não sofrerem. E esta atitude é a mesma de algumas outras pessoas relativamente aos Mestres, os seres considerados como mais avançados, capazes de dirigir os homens por intermédio de seus mensageiros e outras coisas mais deste teor. O culto da autoridade é a negação do entendimento. O desejo de não sofrer acalenta a exploração. Portanto, esta busca da autoridade destrói a plenitude da ação, e o fato de ser guiado traz a irresponsabilidade, pois há o forte desejo de transitar pela vida sem conflito, sem sofrimento. Por essa razão, adotam-se crenças, ideais, sistemas, na esperança de que a luta e o sofrimento possam ser evitados. Porém, essas crenças, esses ideais, que se tornaram vias de fuga, são a própria causa do conflito, criando maiores ilusões, sofrimento maior. Enquanto a mente buscar conforto por meio da orientação, por meio da autoridade, a causa do sofrimento, que é a ignorância, jamais pode ser dissolvida.

Pergunta: Para atingir a verdade, deve o indivíduo abster-se do casamento e da procriação?

Krishnamurti: A verdade não é um objetivo, uma finalidade que possa ser atingida por meio de certas ações. É a compreensão nascida do contínuo ajuste à vida, o que exige grande inteligência; e, pelo fato da maioria

das pessoas não ser capaz deste autoajustamento, isento de defesa, ao movimento da vida, criam certas teorias e ideais que, esperam, as guiarão. Assim, fica o homem preso no círculo das tradições, dos preconceitos, dos sistemas de moral que restringem, ditados pelo medo e pela autoconservação. E isto acontece por ser ele incapaz de discernir, continuamente, o significado da vida em constante movimento, e, por tal, forja certos "deve-se" e "não se deve". Um viver completo e rico, e por tal eu entendo uma vida inteligentíssima, não uma existência de autoproteção e defesa, exige que a mente esteja livre de todos os tabus, temores e superstições, sem o "deve-se" e o "não se deve", coisa que só se pode dar quando a mente, integralmente, entender o significado e a causa do temor.

Para a maioria das pessoas há conflito, sofrimento e ajustamento incessante no casamento, e o desejo de atingir a verdade mais não é que uma evasão desta luta.

Pergunta: Negais a religião, Deus e a imortalidade? Como pode a humanidade tornar-se mais perfeita e mais feliz sem acreditar nessas coisas fundamentais?

Krishnamurti: É pelo fato de Deus e a imortalidade serem para vós apenas uma crença, é por somente acreditardes nessas coisas, que há tanta miséria, sofrimento e exploração. Só podeis descobrir se existe a verdade,

a imortalidade, na própria ação completa, não através de uma crença qualquer, nem por meio da afirmação autoritária de outrem. Só na plenitude da própria ação está oculta a realidade.

Agora, para a maioria das pessoas, a religião, Deus e a imortalidade são simplesmente uma evasão. A religião ajudou o homem apenas a fugir ao conflito, ao sofrimento da vida e, portanto, a fugir de entendê-la. Estando em conflito com a vida, com seus múltiplos problemas de sexo, exploração, ciúme, crueldade etc., como fundamentalmente não desejais compreendê-los - pois o compreendê-los exige ação, ação inteligente - e como vos falta a vontade de fazer o esforço, inconscientemente tentais fugir para aqueles ideais, valores, crenças que vos foram transmitidos. E, assim, a imortalidade, Deus, a religião, tornaram-se meros abrigos para a mente que está em conflito. Para mim, tanto aquele que crê como aquele que não crê em Deus, na imortalidade, estão em erro, porque não é possível negar ou aceitar essa realidade enquanto a mente não estiver inteiramente liberta de toda ilusão. Somente então podeis afirmar não acreditar ou negar a realidade de Deus e da Imortalidade.

Quando a mente está inteiramente liberta dos múltiplos embaraços, das limitações criadas pelo sentimento de autoproteção, quando está aberta, inteiramente desnuda, vulnerável, compreendendo a causa da ilusão autocriada, somente então todas as crenças desaparecerão, cedendo lugar à realidade.

Pergunta: Para podermos alcançar a verdade, devemos trabalhar sós ou coletivamente?

Krishnamurti: Se me permitis uma sugestão, deixai de lado a questão da verdade e consideremos se é inteligente trabalhar pelo proveito individual ou pelo coletivo. Durante séculos, cada indivíduo procurou sua própria segurança, tendo-se tornado, por isso, cruel, agressivo, explorador, criando consequentemente a confusão e o caos. Tudo isto considerado, vós, como indivíduo, voluntariamente começareis a trabalhar pelo bem do conjunto. Nesse ato voluntário, o indivíduo jamais se tornará mecânico, automático, um mero instrumento nas mãos do grupo; destarte, jamais pode haver conflito entre o grupo e o indivíduo. A questão da expressão criadora individual, como estando em oposição e em conflito com o grupo, somente desaparecerá quando cada qual, na plenitude da compreensão, agir integralmente. Só assim terá lugar a cooperação inteligente, na qual a compulsão, seja ela proveniente da cobiça ou do medo, não mais se produzirá. Não espereis serdes arrastados a agir coletivamente, porém começai a despertar a inteligência, despojando-vos de todas as estultices da aquisição, e então haverá a alegria do trabalho coletivo.

Pergunta: Sois contra a instituição da família?

Krishnamurti: Sou, se a família for o centro, a base da exploração. (aplausos) Por favor, que vale concordardes apenas comigo. Precisais agir para alterar este estado de coisas. O desejo de perpetuação cria a família, que se torna o centro da exploração. Portanto, a pergunta realmente deve ser esta: "pode-se viver sem explorar?", não o querer saber se a vida de família é certa ou errada, se o ter filhos é acerto ou desacerto, porém se a família, as posses, o poder, não são o resultado do desejo de segurança e de perpetuação. Enquanto houver este desejo, a família será centro da exploração. Poderemos jamais viver sem exploração? Afirmo que sim. Tem que haver exploração enquanto houver autoproteção; enquanto a mente buscar segurança, conforto através da família, da religião, da autoridade ou da tradição, haverá exploração. A exploração só cessa quando a mente discerne o que há de falso na segurança e não mais fica presa na armadilha do seu próprio poder de criar ilusões. Se experimentardes o que eu digo, então compreendereis que não estou destruindo o desejo, porém que podeis viver neste mundo, sã e ricamente, uma vida sem limitações, sem sofrimento. Só podeis descobrir isto experimentando, não negando, não pela resignação nem pelo mero imitar. Onde funciona a inteligência - e a inteligência cessa de funcionar quando há medo, desejo de segurança - não pode haver exploração.

A maioria das pessoas espera que uma mudança se opere, que miraculosamente altere este sistema de exploração; aguardam revoluções para realizarem suas esperanças, seus anseios não satisfeitos, porém, nesse esperar, vão lentamente morrendo. Pois eu penso que simples revoluções

não mudam os desejos fundamentais do homem. Se, porém, o indivíduo começa a agir com inteligência, sem compulsão, sem olhar as condições atuais ou o que as revoluções prometem de futuro, então haverá uma riqueza, uma plenitude cujo êxtase não pode ser destruído.

Pergunta: Eu não me importo com o que acontecer depois da morte, porém tenho medo de morrer. Devo combater este medo? Como hei de vencê-lo?

Krishnamurti: Vivendo no presente. A eternidade não está no futuro, está sempre no presente. Não ha remédio nem substituição para o medo, exceto no entender a causa do próprio medo. A mente está continuamente limitada pelas recordações do passado, e essas lembranças embaraçam-lhe o preenchimento da ação no presente. Por isso, não há plenitude de ação no presente, o que cria o temor da morte.

Viver no presente não é um feito intelectual. Exige compreensão da ação e o libertar a mente da ilusão. A mente possui o poder de criar a ilusão, e é com isso que mais nos preocupamos - criar ilusões, escapulas, acobertando as coisas que não queremos compreender. A mente cria ilusões como meios de evasão, e essas ilusões, com seu poder, impedem a plenitude da ação e a completa compreensão do presente. Assim, as antigas ilusões criam novos e ulteriores embaraços e limitações. Eis porque

começamos a pensar limitados pela ideia do tempo como um meio de compreensão e crescimento. A compreensão está sempre no presente, não no futuro. E a mente recusa discernir imediatamente, porque isso implica uma revolta inteligente contra tudo que ela construiu na busca de sua própria segurança.

Terceira Palestra no Rio de Janeiro

(4 de Maio de 1935)

Através das idades e também na presente civilização, vê-se como o indivíduo que é astuto explora o agrupamento, e o agrupamento, por seu turno, explora o indivíduo. Dá-se esta constante ação recíproca entre o indivíduo e o grupo, considerado este sob a forma de sociedades, de religiões, de ideias, de líderes e ditadores. Há também a exploração das mulheres pelos homens, em certos países; e, noutros, as mulheres exploram os homens. Uma forma grosseira ou sutil de exploração vai tendo curso onde quer que exista interesse monetário, quer seja o da propriedade privada, o da religião ou o da política.

É sempre difícil perceber, através das palavras, o significado real que está para além delas, não se deixando por elas transviar. Em primeiro lugar, compreendendo integralmente o atual significado da moral, descobri-

remos, por nós próprios, a nova moral e seus detalhes na ação. A maior parte das pessoas, depois de me haverem escutado, dizem geralmente que só lhes dou ideias vagas, destituídas de valor prático; eu, porém, não estou aqui para vos oferecer um novo conjunto de regras, para um novo sistema de ação, o que nada mais seria que uma nova forma de exploração, uma nova gaiola para vos aprisionar. Apenas deixaríeis uma prisão velha por outra nova, o que seria completamente vão. Ao passo que, se principiardes a examinar e a descobrir a base do atual código de conduta, a base, em conjunto, do edifício da moral, então, no próprio processo da descoberta da verdadeira causa daquilo a que dais o nome de moral, começareis a discernir o modo da verdadeira ação individual, a qual então será moral. Esta ação da inteligência, liberta da imposição e da compulsão, é a verdadeira moral.

A moral dos nossos dias baseia-se na proteção do indivíduo; é um sistema restrito que atua como cobertura para conter o indivíduo dentro do agrupamento. O indivíduo é tratado como um animal vicioso que precisa ser guardado na gaiola da moral. Tornamo-nos escravos de uma moral de grupo, que cada um de nós ajudou a construir em virtude do seu próprio desejo de segurança e conforto. Cada qual de nós contribui para este sistema de moral que se acha baseado na aquisição e na astuta autoproteção. Dentro do âmbito fechado desta pretensa moral, criamos religiões estáticas, com seus deuses inertes, suas imagens mortas, seus pensamentos petrificados. E esta prisão fechada de moral tornou-se tão poderosa, tão avassaladora que a maioria dos indivíduos vive no temor de romper com ela e nada mais fazem que imitar as regras de conduta da prisão. Ora, com

esta moral fechada, não nos é possível encontrar a verdade, a realidade, e nem tampouco o poderemos fugindo simplesmente dela. Se meramente fugirmos dessa moral pela destruição do velho código, sem compreensão, apenas criaremos outra forma de autoproteção, outra prisão. Enquanto a mente buscar a segurança, procurando meios e modos de firmar a sua salvação, tem que inevitavelmente criar leis e sistemas para sua proteção. Esta busca da autoproteção nega o entendimento da realidade. A realidade somente pode ser discernida quando a mente está por completo nua, inteiramente despida dessa ideia de autoproteção. Tendes, pois, que vos tornar intensamente apercebidos da causa dessa prisão, desse contínuo construir de seguranças, de confortos e de fugas em que a mente se acha empenhada. Quando fordes plenamente conhecedores da causa, então a própria mente começará a discernir a verdadeira maneira de agir no próprio momento da experiência e, assim, a moral torna-se puramente individual. Não se poderá fazer dela um meio de exploração.

Conhecendo a causa e estando, de contínuo, apercebidos dela, a própria mente começa a romper a cobertura dessa moral autoprotetora, a qual tão esmagadora, tão destruidora da inteligência se tornou. Nesse apercebimento, que é o despertar da inteligência, a mente abre caminho através do fluxo da realidade, a qual não pode ser tornada uma religião estática, um meio de exploração, nem tampouco pode ser petrificada num livro de preces de sacerdotes.

Pergunta: A mera revolução econômica e social resolveria todos os problemas humanos ou deveria ela ser precedida por uma revolução espiritual interna?

Krishnamurti: Pode dar-se o caso de vir a revolução e, supondo que tendes uma forma comunista de governo, pensais, por acaso, que uma simples revolução externa resolverá os múltiplos problemas humanos? Pelo sistema atual, sois forçados a vos ajustardes a certo método de pensamento, de moral, de ganhar dinheiro. Se um sistema diferente for estabelecido por meio da revolução, haverá outra forma de compulsão, talvez para melhor; mas, como pode a mera compulsão produzir o entendimento? Estais por acaso satisfeitos em continuar vivendo por maneira destituída de inteligência no presente sistema, aguardando, com esperança, que venha a ter lugar qualquer miraculosa mudança externa que altere, também, a vossa mente e coração? Por certo que só existe para isso um meio e é o de verificar que o presente sistema se acha baseado na exploração egoísta, em que cada indivíduo, violentamente, busca a sua própria segurança e, portanto, luta para conservar suas distinções e aquisições.

Compreendendo isto, o homem inteligente não espera que uma revolução venha, porém começará a alterar, fundamentalmente, a sua ação, a sua moral, começará a libertar sua mente e coração de todo o desejo de aquisição. Um homem assim estará liberto do fardo de qualquer sistema, podendo portanto viver inteligentemente no presente. Se realmente dese-

jais encontrar o verdadeiro modo de ação, esforçai-vos por viver no presente, com a compreensão do inevitável.

Pergunta: Não pertenço a religião alguma, porém sou membro de duas sociedades que me dão conhecimento e sabedoria espiritual. Se as abandonar, como poderei alcançar a perfeição?

Krishnamurti: Se compreenderdes a futilidade de todas as corporações religiosas organizadas, com seus interesses monetários, com sua exploração, com a completa estultice das crenças baseadas na autoridade, na superstição e no medo; se, verdadeiramente, alcançardes o significado disto, então não pertencereis a nenhuma sociedade ou seita religiosa. Imaginais que qualquer sociedade ou livro vos pode dar sabedoria? Livros e sociedades podem fornecer-vos noções; se, porém, disserdes que uma sociedade vos pode dar sabedoria, estareis simplesmente depositando nela a vossa confiança e ela se torna vossa exploradora. Se a sabedoria pudesse ser adquirida por meio de uma seita ou sociedade religiosa, todos seríamos sábios, pois as religiões existem desde milhares de anos. A sabedoria, porém, não se adquire por essa forma. A sabedoria é a compreensão do fluxo contínuo da vida ou da realidade, e somente é apreendida quando a mente está aberta e vulnerável, isto é, quando a mente não mais está embaraçada pelos seus próprios desejos de autoproteção, reações e ilusões.

Nenhuma sociedade, nenhuma religião, nenhum sacerdote, nenhum líder vos dará, jamais, a sabedoria. É só pelo nosso próprio sofrimento, ao qual tentamos escapar aderindo a corporações religiosas e mergulhando em teorias filosóficas, é somente pelo apercebimento da causa do sofrimento e de como libertar-nos dele, que a sabedoria nasce natural e suavemente.

Pergunta: Desejo muitas coisas na vida, que não possuo. Podeis dizer-me como obtê-las?

Krishnamurti: Por que haveis de querer muitas coisas? Todos precisamos de roupas, alimento, abrigo. Porém, o que é que está por detrás do anseio por muitas coisas? Ansiamos por elas, porque imaginamos que seremos felizes se as possuirmos e que, pela sua aquisição, alcançaremos o poder. Por detrás desta pergunta está o desejo do poder. Na busca do poder há sofrimento e pelo sofrimento vem o despertar da inteligência que revela a completa futilidade do poder. Vem, depois, a compreensão das necessidades. É possível que não desejeis muitas coisas materiais; talvez compreendais o absurdo das muitas posses, porém ainda sois capazes de desejar o poder espiritual. Entre este desejo e o de possuir muitas coisas não há diferença. Ambos são iguais, embora a um chameis materialista e ao outro deis um nome mais refinado, o de espiritual; em essência, porém, ambos

têm em vista a sua própria segurança, e nesta jamais pode haver felicidade ou inteligência.

Pergunta: Parece que negais o valor da disciplina e dos padrões morais. Pois não será a vida um caos sem disciplina e sem moral?

Krishnamurti: Eu disse alhures, como também o fiz ao começo da palestra desta noite, que fizemos da moral e da disciplina um abrigo protetor sem nenhum profundo significado, sem realidade alguma. Pois não existem as guerras, a exploração violenta, um completo caos no mundo, apesar das vossas disciplinas, das vossas religiões e dos vossos rígidos moldes de moral? Examinemos, pois, esta estrutura de moral e de disciplina que havemos construído, que nos tem explorado e que está destruindo a inteligência humana. No próprio exame acurado desta exígua estrutura de moral e disciplina, se procederdes com grande cuidado e sem preconceitos, começareis a compreender e a desenvolver a verdadeira moral que não pode ser sistematizada nem petrificada.

A moral, a disciplina que agora possuís, baseia-se na busca individual da salvação própria, da segurança, pela exploração religiosa e econômica. Talvez faleis de amor e fraternidade aos domingos, porém às segundas-feiras explorais os outros ao exercerdes as vossas várias ocupações. Portanto, religião, moral, disciplina são coisas que apenas atuam como capas

da hipocrisia. Semelhante moral, do meu ponto de vista, é imoral. Do mesmo modo por que, violentamente, buscais a segurança econômica, da qual nasce uma adequada moral a esse propósito, assim também criastes religiões por todo o mundo, as quais vos prometem a imortalidade mediante as suas peculiares disciplinas e sistemas acanhados de moral. Enquanto esta moral estreita existir, haverá guerras, haverá exploração, não haverá o real amor humano. Esta moral e esta disciplina acham-se realmente baseadas no egoísmo e na violenta busca da segurança individual. Quando a mente se liberta deste centro de consciência limitada, que se baseia no engrandecimento próprio, vem então o delicado e esquisito ajustamento à vida, que não exige regras nem regulamentos, porém que é consumadamente inteligente, a si próprio expressando, integralmente, em ações de verdadeiro discernimento.

Quarta Palestra no Rio de Janeiro

(10 de Maio de 1935)

Cada indivíduo se esforça por encontrar a felicidade, a verdade ou Deus, dando ao objeto de sua busca um nome diferente, de acordo com as suas capacidades intelectuais, sua educação religiosa e seu ambiente. Vós estais aqui na esperança de descobrir uma certeza ao redor da qual possais edificar toda a vossa vida e toda a vossa ação.

Ora, porque buscais a certeza última, essa realidade que esperais vos dê felicidade, explique a crueldade e o sofrimento do homem? Qual é a causa da vossa busca? Fundamentalmente, a razão para essa busca, a razão humana, não qualquer razão intelectual, é a de haver tanto sofrimento em vós e ao redor de vós, e quererdes escapar ao presente, refugiando-vos na utopia de algum futuro ideal, num sistema de pensamento intelectual, ou numa autoridade de fé e segurança. O homem que está profundamente

enamorado não busca amor ou felicidade. O homem, porém, que não está enamorado, que não é feliz, que está sofrendo, busca o oposto daquilo que o prende. Achando-vos presos da desgraça, em grande vacuidade, em desespero, começais a procurar um meio de sair deste estado, uma escapula. A esta fuga chama-se a busca da realidade, a verdade, ou qualquer outro nome que vos agrade dar-lhe. Assim, a maioria das pessoas que dizem buscar a felicidade estão, realmente, tentando evadir-se, fugir ao conflito, à desgraça, à vacuidade em que se acham presos. Faltando-nos a certeza do amor, do pensamento - pois amor e pensamento estão constantemente buscando certezas nas quais possam ancorar - toda a nossa busca se dirige para as certezas e satisfações. Essas coisas são chamadas realidades, felicidade e pesquisas da imortalidade. Vós quereis assegurar-vos de que existe algo perdurável, algo mais do que esta confusão e miséria.

Portanto, se realmente ponderardes – e, por favor, vos peço, não escuteis apenas intelectualmente o que vos digo - sobre a vossa busca e a examinardes, então verificareis que vos estais esforçando por escapar a esta confusão e miséria, para aquilo que considerais ser a realidade, a felicidade. Quereis um medicamento, um narcótico, que vos satisfaça, que vos faça placidamente adormecer. A única coisa efetiva, a única realidade que plenamente compreendemos, é essa confusão, essa miséria, esse conflito, e fugir a isso é apenas criar ilusão. Se escapardes à atualidade, só podeis ir para as ilusões, para as esperanças, para os anseios que não têm realidade. Portanto, o caminho para sair da atualidade tem que inevitavelmente conduzir à ilusão, muito embora essa ilusão haja assumido o caráter de realidade, através do tempo e da tradição.

Agora, por favor, não pergunteis: "nada mais há senão confusão, nada senão desgraça?". Eu quero vos explicar como atua a nossa mente, o que são as nossas reações, e, ao compreender isto, adequada e completamente, podemos prosseguir cuidadosamente para algo que somente pode ser compreendido por meio da atualidade, não através das ilusões. Por favor, permiti que eu repita que a busca da felicidade, da verdade ou da realidade nasce do desejo de escapar à prisão do sofrimento e, portanto, é fundamentalmente falsa. E, enquanto não discernirdes isto com clareza, enquanto não compreenderdes isto plenamente, o que eu disser ulteriormente nesta palestra não será inteiramente compreendido. E, assim, terei que voltar plenamente ao assunto uma vez mais.

Quando sofremos em virtude da perda de alguém a quem amamos ou quando existe em nossas vidas o vácuo do não preenchimento ou o desespero da incerteza completa, começamos a criar o oposto e a perseguir esta imagem, esperando que isto nos conduza à paz, ao preenchimento, à integridade. Portanto, o que acontece é sermos arrastados, consciente ou inconscientemente, sutil ou grosseiramente, cada vez mais nos distanciamos da atualidade, do sofrimento do presente. Supondo que a morte vos arrebatou alguém, por exemplo, sofreis e começais a investigar o além, para saber se ele é um fato ou não. Principiais, então, a investigar a teoria da reencarnação. O que é que realmente fazeis? Tentais afastar-vos do sofrimento. Portanto, as explicações e os pretensos fatos atuam apenas como remédios para amortecer a agudeza do sofrimento. Onde existe o desejo de escapar deve haver forçosamente criação de ilusão. Como sofremos cons-

tantemente, criamos ilusões inúmeras, e a nossa presente busca da realidade nada mais é do que a procura de maior e mais grandiosa ilusão.

Assim, se compreenderdes isto completamente, então percebereis a completa futilidade de buscar a felicidade, a certeza, a verdade, ou qualquer outro nome que lhe queirais dar. Portanto, não mais vos preocupareis em medir o imensurável. De uma vez por todas, então, a mente se libertará do desejo de escapar. Só então a mente estará preparada para descobrir a causa fundamental do sofrimento. Pois esta é a única realidade que cada um de nós conhece.

Agora, para compreender fundamentalmente a causa do sofrimento, a mente deve estar livre de ideais, porque os ideais nada mais são do que fórmulas de escapula da atualidade. Quando a mente se torna apercebida de si própria, compreende que está meramente seguindo padrões, seguindo objetivo, crenças, ideais que para si própria estabeleceu como meios de fugir da confusão, por esse modo sobrepondo essas crenças e ideais à confusão e ao sofrimento. Por outras palavras, os ideais nada mais são que ilusões que vos dão esperança e encorajamento para evitar o presente. Na hipótese de não compreenderdes isso completamente, tomarei um exemplo:

Existe o ideal da fraternidade e do amor fraternal. Ora, que é que acontece na atualidade? Há guerras, nacionalidades, divisões de classes, explorações, homem contra homem, agrupamentos de homens em religiões, que os separam por meio de dogmas; na atualidade é isto que está acontecendo. Portanto, de que servem vossos ideais? Direis: "trabalharemos para atingir esse ideal a seu devido tempo." Porém, qual o valor disso no presente? Por que desejais ideais, quando sabeis, definidamente, que

não pode haver fraternidade enquanto existirem distinções de religião, espírito de aquisição, exploração em cujo pensamento e sistema viveis? De que servem os vossos ideais? São apenas narcóticos sentimentais, soporíficos para as pessoas que não querem agir no presente. Ao passo que, se absolutamente não tivésseis ideais, porém vivêsseis a atualidade com sua confusão e crueldade, sem estardes cegos por esperanças que se transformaram em ideais, então, ao solvê-las, haveria naturalmente fraternidade, então haveria verdadeira unidade entre todos os homens. Os ideais, portanto, dão-vos realmente a oportunidade de não fazerdes frente à atualidade da corrupção, à exploração no presente, na qual tomais parte. A maior parte das mentes procuram a autoridade das crenças e dos ideais, porque não desejam compreender o presente; e esta é uma das razões principais porque jamais descobrem, nem tampouco dissipam a causa do sofrimento. Ora, edificamos, através de muitos séculos, um ambiente de ilusões tais como a autoridade, a imitação, as crenças e os ideais que nos proporcionam oportunidade de sutil evasão. As pessoas sofrem dentro desta prisão feita de limitações e esforçam-se por encontrar soluções para seus sofrimentos dentro dela, dentro das ilusões que ao seu redor construíram. Outras pessoas, porém, existem, as quais verdadeiramente discernem a natureza ilusória desta estrutura; e, por sofrerem muito mais intensa e inteligentemente, não desejando portanto escapar para o futuro, nessa mesma agudeza de sofrimento descobrem a verdadeira libertação do próprio sofrimento. Assim, tendes que interrogar a vós próprios se estais buscando uma solução para o vosso sofrimento dentro do círculo da ilusão, dentro do ambiente dos séculos, por esse modo criando outras ilusões e enclausu-

rando-vos mais nessa prisão, ou estais buscando romper através das múltiplas ilusões que ao redor de vós haveis construído através dos séculos? Pois no processo de discernimento a causa do sofrimento é reconhecida e dissolvida. E somente então, e não antes, que a mente é capaz de discernir o que é a verdade. A própria busca da realidade é uma ilusão, pois nada mais é que uma evasão. Quando todas as escapulas e ilusões houverem sido dissipadas pelo entendimento, somente então pode a mente perceber aquilo que é perdurável, o imensurável.

Pergunta: Que pensais da caridade e da filantropia social?

Krishnamurti: A filantropia social restitui à vitima um pouco daquilo que o filantropo violentamente lhe arrancou. Primeiro, vós a explorais, fazendo-a trabalhar incontáveis horas e tudo mais à porfia, amontoando grande riqueza por meio de ardis, de fraudes, e, depois, voltai-vos com magnanimidade e dais um pouco à pobre vitima. Não sei por que estais rindo, visto que fazeis a mesma coisa, apenas diferentemente. Talvez não sejais astutos, hábeis, violentos o bastante para amontoar riquezas e vos tornardes filantropos; porém, espiritualista e idealisticamente, amontoais aquilo que chamais conhecimento, a fim de vos protegerdes a vós mesmos. A caridade é inconsciente de si própria; não há acúmulo prévio nem

distribuição consecutiva. É semelhante a uma flor, natural, aberta, espontânea.

Pergunta: Deveriam ser destruídos os dez mandamentos?

Krishnamurti: Não estão eles destruídos? Existem eles ainda? Talvez nos livros de orações, petrificados, para serem adorados como ideais, porém em execução não existem. Por muitos séculos foi o homem conduzido por meio do medo, forçado, compelido a agir por meio de certos padrões; porém, a mais alta forma de moral é fazer uma coisa pelo seu próprio valor intrínseco e não por um motivo ou em vista de recompensa. Ora, em vez de sermos coagidos a seguir um padrão, temos que descobrir, individualmente, o que é a verdadeira moral. É esta uma das coisas mais difíceis de executar: descobrir, por si próprio, como agir com acerto; exige inteligência, um ajuste contínuo; não o seguir de uma lei ou de um sistema, porém o intenso apercebimento e o discernimento no próprio momento da ação. E este só pode dar-se quando a mente se vai libertando, com entendimento, do temor e das compulsões.

Pergunta: Existe Deus?

Krishnamurti: Pondero: que valor teria eu responder sim ou não? O afirmar ou negar não revelaria a realidade. O indivíduo tem que descobrir por si próprio. Portanto, não podeis aceitar ou rejeitar. Se eu dissesse que sim, que aconteceria? Seria acrescentar uma crença mais ao vosso museu de crenças. Se eu dissesse que não, seria outra crença, que pertenceria a outro tipo de museu. Uma coisa ou a outra não seria de importância para vós. Se eu dissesse sim, tornar-me-ia uma autoridade, talvez modelásseis a vossa vida de acordo com esse padrão; se eu dissesse não, estabeleceria outra espécie de padrão. Não podeis acercar-vos deste problema, de se existe Deus ou não, com qualquer preconceito, seja pró, seja contra. O que podeis fazer é preparar o terreno da mente e ver o que acontece. Isto é, deixai que a mente se liberte de todas as ilusões, de todos os temores, de todos os preconceitos e desejos, e permanecei isentos de qualquer expectativa; e a mente então poderá discernir se existe Deus ou não. A mente é especulativa e, por diversão intelectual, tenta resolver esta questão; a mente, assim, porém, não pode achar resposta verdadeira. Tudo que podeis fazer é destruir a falsidade, as ilusões que criastes ao redor de vós próprios. E isto exige não um inquérito sobre a existência de Deus, porém, sim, o ato de integração do vosso ser inteiro, no presente.

Pergunta: Não são necessários os sacerdotes para conduzir os ignorantes à retidão?

Krishnamurti: Por certo que não. Quem são os ignorantes? Esta pergunta só pode ser feita a cada um de vós e não a uma massa vaga denominada ignorante. A massa sóis vós. Necessitais vós de sacerdotes? Quem pode dizer quais os ignorantes? Ninguém. Portanto, sendo ignorantes, necessitais de sacerdote, e pode um sacerdote conduzir-vos da ignorância à retidão? Se meramente imaginardes que um indivíduo ignorante, vagamente existindo em certo lugar, e a quem não conheceis, necessita de um sacerdote, então perpetuareis a exploração e todas as manobras da religião. Ninguém vos pode conduzir à retidão, exceto vós próprios, por meio de vosso próprio entendimento, por meio de vosso próprio sofrimento.

Pergunta: É possível atingir a perfeição entre os imperfeitos?

Krishnamurti: Em que outro lugar podereis alcançar a perfeição, em que outra parte podereis compreender a perfeição a não ser entre os imperfeitos? Entretanto, toda esta ideia de alcançar a perfeição é fundamentalmente errônea. Por favor, tendes que refletir cuidadosamente acerca disto. Quando falais de perfeição, tendes em vista alcançar um fim, uma certeza,

um poder que vos possa dar segurança, da qual jamais possa surgir conflito e tristeza. A perfeição não é um fim, um ponto fixo, absoluto, porém um contínuo vir a ser. Quando a mente está liberta dos opostos, então há um contínuo movimento, um contínuo fluxo da realidade. A perfeição é a ação do fluxo contínuo da realidade, não um objetivo absoluto em direção ao qual estejais progredindo por meio de inúmeras experiências, de lembranças, de lições e de sofrimento. Para compreender este fluxo da vida, a mente deve estar inteiramente livre de finalidades, de certezas, que nada mais são do que o resultado do desejo de autoproteção.

Se refletirdes sobre o que vos tenho dito esta noite, discernireis a clausura que criamos através de múltiplos séculos, da qual nos tornamos prisioneiros, destruindo nossa inteligência criadora. Se a mente puder principiar a derrubar as paredes dessa prisão, por meio da compreensão, então haverá ação sem tristeza, ação normal e verdadeira.

Quinta Palestra no Rio de Janeiro

(18 de Maio de 1935)

Disseram-me que aquilo que eu anuncio é demasiadamente complicado, que não é prático e é impossível de ser aplicado à vida diária, em que cada indivíduo tem que lutar para viver. Algumas pessoas rejeitam, sem reflexão, o que eu digo, e outras, também irrefletidamente, o aceitam sem mais exame, pois esperam que aquilo que eu digo se enquadre no sistema que elas já possuem. Por essa maneira, nega-se o poder renovador da ação.

Agora, estamos preocupados com o viver, e o viver implica não somente pão, abrigo, roupas e trabalho, como também amor e pensamento. Não nos é possível compreender plenamente o significado de viver, se considerarmos isoladamente o problema do trabalho, do amor ou do pensamento. Como esses problemas são interdependentes e absolutamente in-

separáveis, devem ser tomados e compreendidos como um todo. Só os bem instalados na vida seguem um padrão ou sistema tradicional e se esforçam para separar o viver do trabalho, esperando vencer o conflito que surge desta divisão, considerando-o por modo exclusivo.

Há muitas pessoas, pretensamente espirituais, que consideram o trabalho uma ocupação algo materialista, apenas tolerável. Preocupam-se somente com a Verdade e Deus. Há outras, ainda, que apenas se preocupam em reorganizar a sociedade, no sentido do bem-estar do conjunto. Se quisermos compreender a ação, que é vida, temos que tomá-la como um todo, não a dividindo por maneira exclusivista, como o faz a maioria das pessoas. Viver é a ação harmoniosa do pensamento, da emoção e do trabalho; e, quando estas coisas estão em contradição umas com as outras, é então que sobrevém o sofrimento, o conflito e a desarmonia. Tentamos viver harmoniosamente - não é verdade? - viver integralmente, em nossas ações, buscando completa satisfação. Para que tal aconteça, porém, é indispensável a mais completa inteligência, isenta de temor, de exploração e do desejo de recompensa. Daí nasce a liberdade renovadora da ação. Fundamentalmente, cada indivíduo tenta esforçar-se por viver nessa ação, porém, ao desvendar o harmonioso movimento da vida, frequentemente o transviam certos assuntos destituídos de importância, tais como o sistema a que deve seguir, se os Mestres são uma realidade, se a Verdade existe, ou se existe Deus. Por que razão não vivemos essa ação inteligente, harmoniosa? Se a tanto pudermos chegar, a vida tornar-se-á então simples, natural, criadora e repleta de supremos propósitos. Sendo assim, porque é que nós, que buscamos esse viver harmonioso - pelo menos é o que muitos constantemente

afirmam - não o realizamos? Um dos principais motivos é tomarmos os múltiplos problemas da vida, considerando-os isolada e exclusivamente, como já procurei explicar. Desta divisão surge o pensar errôneo que cria a exploração no trabalho, e múltiplas complicações e confusões em torno do amor. Os sofrimentos daí decorrentes só podem resolver-se e compreender-se pelo pensamento reto.

Agora, para chegarmos à compreensão do que é o pensamento reto, procuremos, em primeiro lugar, descobrir o que há de falso em nosso próprio raciocínio; se chegarmos a averiguar o que é falso em nosso pensamento, então conheceremos, sem coação, naturalmente, o que é reto. Através da massa das ideias falsas, através da cortina das ilusões múltiplas, não pode dar-se a percepção do que é reto. Portanto, devemos nos esforçar por descobrir o que é falso. Ora, o nosso pensamento baseia-se no hábito, hábito secular, ao qual se acostumou. Quer se trate de um padrão ou de um sistema, molda-se de conformidade com um ideal que estabeleceu, com o intuito de se evadir do conflito do presente. Esforcei-me para explicar isto na minha ultima palestra. Enquanto o pensamento estiver seguindo um sistema, um hábito, ou meramente conformando-se com uma tradição estabelecida, com um ideal, será pensamento falso. Seguis um sistema ou vos amoldais à conformidade de um padrão porque tendes medo do bem e do mal, estabelecido de acordo com a tradição, oriunda de um sistema. Se o pensamento meramente funcionar dentro do sulco de um padrão, sem compreensão do significado do ambiente, tem que haver temor, seja ele consciente ou inconsciente, e tal pensamento inevitavelmente conduzirá à confusão, à ilusão e à ação falsa. O modo de pensar tradicional, relativa-

mente ao trabalho, visa à segurança econômica individual, à garantia e ao conforto. Desenvolvemos, por esse modo, no mundo inteiro, um sistema em virtude do qual a exploração se tornou coisa justa e em que se honra o espírito de aquisição. Daí surge, naturalmente, o conflito de classes, o nacionalismo e as guerras bárbaras. O próprio alicerce do nosso amor é o espírito de posse, do qual surgem os ciúmes, os complexos e os problemas de sexo. Ora, tentar resolver qualquer destes problemas de modo exclusivo, e não como parte de um todo, é criar e perpetuar o conflito e o sofrimento, de que surgem a ilusão e o pensamento errôneo. Enquanto o pensamento buscar e seguir um modelo, amoldando-se ao ambiente que ele não compreendeu, agindo meramente pelo hábito, tem que haver conflito e desarmonia.

Portanto, a primeira coisa a fazer, se quiserdes realmente compreender a beleza do viver, a sua riqueza, é estardes apercebidos desse ambiente, quer do passado quer do presente, ao qual a mente se apegou; e, ao compreender as ilusões que criou para sua própria proteção, brotará naturalmente, sem que a mente necessite buscá-la, essa ação espontânea, inteligente, que é a mais alta consumação da vida. Tudo isto se aplica àqueles que desejam compreender e viver supremamente, não aos que apenas buscam o conforto nem aos que se acham satisfeitos com explicações; as explicações nada mais são que poeira nos olhos. Portanto, se assim almejais viver, necessitais de purificar a mente por meio da dúvida, e isso significa a compreensão profunda das tradições, dos ideais, o dissipar das múltiplas ilusões criadas pela mente na busca da autoproteção.

Assim, quando houver verdadeiro discernimento, dar-se-á o êxtase do imensurável, o qual não pode ser imaginado nem preconcebido, porém experimentado e não expresso por palavras.

Pergunta: Não poderemos ser guiados na vida diária pelos sábios conselhos que nos são dados por vozes e pelos espíritos dos mortos?

Krishnamurti: Vejo que alguns, dentre vós, não concordam com esta pergunta, por julgarem que é estulto procurar os conselhos dos espíritos. Para tornar esta pergunta também aplicável aos outros, simplifiquemo-la: É possível que alguns dentre vós não assistam às sessões, nem se dediquem à escrita automática. Não têm, porém, escrúpulos de procurar os Mestres que, possivelmente, vivam em algum país distante, e aceitar as suas mensagens, vindas por intermédio de seus mensageiros. Fundamentalmente, qual é a diferença? Nenhuma, absolutamente. Em ambos os casos, procura-se a orientação de outrem. Umas pessoas esforçam-se para se porem em contato com os mortos, por meio dos médiuns, mediante a escrita automática, e todas as demais coisas infantis e absurdas que com tal se relacionam; ao passo que outras buscam a orientação daqueles a quem chamam os Mestres, através de seus representantes, coisa essa igualmente infantil e absurda.

Assim, pois, eu vos peço que não condeneis aqueles que procuram os médiuns e assistem às sessões, quando vós próprios, diligentemente, seguis as regras e sistemas estabelecidos pelos Mestres, por intermédio de seus representantes. Há outras pessoas que dependem dos sacerdotes e das cerimônias, de tradições e de convencionalismos, para sua orientação. Todos estão no mesmo caso.

Ora, nesta pergunta - se devemos ou não buscar o conselho e a orientação dos espíritos, dos Mestres, por intermédio de seus representantes, dos salvadores, por intermédio de seus sacerdotes - nesta pergunta está implícito o desejo de buscar abrigo sob a capa da autoridade. O que nos ocupa não é, pelo momento, averiguar se os Mestres ou os pretensos espíritos existem ou não. Por que é que buscais orientação e conselho? Por que é que desejais orientação? Esta é que é a questão. É porque dais maior valor aos mortos, ao oculto e ao passado, do que aos vivos e ao presente. Porque, por meio dos mortos, do oculto e do passado, vossa mente pode esculpir suas ilusões e imagens agradáveis, e viver com elas completamente satisfeita; o presente, porém, e os vivos, não vos deixam dormir tranquilamente. Assim, para fugir a esse conflito, que se resume em vencer o presente, buscais orientação e conselho. O indivíduo que busca orientação, o homem que cria ídolos para adorar, viverá no temor; será explorado e sua inteligência será lentamente destruída, coisa que está acontecendo por todo o mundo. O desejo de obter orientação dos espíritos e dos Mestres, através de seus representantes, surge do temor da tristeza.

Pode alguém, seja quem for, salvar-vos da tristeza? Se puderdes ser salvos por outrem, então o problema da autoridade cessa de existir. Nada

mais tendes a fazer do que buscar a autoridade mais adequada, mais conveniente e adorá-la. Eu, porém, digo-vos que ninguém vos pode salvar da tristeza, exceto vós próprios e por meio do vosso próprio entendimento. Só mediante o vosso pessoal discernimento sobre a causa do sofrimento, e não pelas explanações de outrem, é que podem ser abertos os portais da máxima beatitude que conduzem ao êxtase do entendimento. Enquanto buscardes conselhos e orientação, coisas que nada mais são que vias de fuga ao conflito, e não discernirdes, por vós próprios, a causa do sofrimento, confusos como estais, pelas explicações, ninguém, nenhum sacerdote, nenhum livro, nenhuma teoria, nenhum sistema, nenhum espírito ou Mestre vos pode salvar da tristeza; porque essa realidade, essa libertação da tristeza, reside em vós próprios e só por vós mesmos a ela podereis chegar.

Pergunta: Têm os ensinamentos atribuídos a Grandes Mestres - Cristo, Buda, Hermes e outros mais - valor para o atingimento do direto caminho para a Verdade?

Krishnamurti: Se me não entendêsseis mal eu diria que os ensinos dados perdem o seu valor, por ser a mente humana tão cheia de sutilezas, tão ardilosa em seus desejos de autoproteção, que torce esses ensinos para adaptá-los aos seus propósitos pessoais, criando sistemas e ideais que são

meios de escapula, dos quais surgem igrejas petrificadas e sacerdotes exploradores. Todas as religiões do mundo, despojadas das trapaças de suas explorações organizadas, fundamentalmente ensinam o homem a amar, a pensar e a viver salutar e inteligentemente.

Como poderia haver um sistema que vos ensinasse a amar e a pensar desinteressadamente? Como não desejais fazer isto, como não quereis viver completa, integralmente, com a mente e o coração vulneráveis, haveis criado um sistema que se tornou vosso mestre, um sistema que é contrário e destruidor do pensamento e do amor. Portanto, é completamente inútil multiplicar os sistemas. Se a mente se libertar da ilusão de suas exigências e desejos de autoproteção, então haverá amor, inteligência, então não mais existirá esta divisão de religiões e crenças, o homem não mais se levantará contra o homem.

Pergunta: Se é um fato que o vosso futuro como Instrutor do Mundo foi previsto, não será, nesse caso, a predestinação um fato da natureza, e não seremos nós meramente escravos de um destino determinado?

Krishnamurti: Se vossa ação estiver condicionada pelo passado, pelo temor, pelo ambiente, sendo por isso incompleta, deverá haver o amanhã para completar essa ação. Isto é, se vosso pensamento estiver limitado, embaraçado pela tradição, pela consciência de classe, pelo temor ou pelo

preconceito religioso, não poderá completar-se pela ação; cria portanto seu próprio destino, sua própria limitação. Isto é, vossa própria ação incompleta determina seu futuro limitado. Onde quer que haja ação incompleta, existe sofrimento que cria seu próprio cativeiro. A ação não obedece à seleção; se a ação estiver embaraçada pelo preconceito da seleção, todas as ações ulteriores terão que inevitavelmente criar maiores, mais estreitas limitações. Assim, em vez de somente perguntardes se a predestinação existe ou não, começa por agir de modo completo. Ao perceber a necessidade da ação completa, discernireis, na própria ação, quais os preconceitos seculares que começam a impedir essa ação, cerceando-lhe o preenchimento. Quando há o fluxo da ação que é inteligência, então se torna a vida um contínuo vir a ser, sem o conflito da escolha.

Pergunta: O que é o poder da vontade humana?

Krishnamurti: Nada mais que reação contra a resistência. A mente, em virtude de seu desejo de autoproteção e conforto, criou muitos impedimentos, muitas barreiras, ocasionando a sua inintegralidade, a sua tristeza. Para libertar-se desta tristeza, começa a lutar contra esta resistência e limitações que ela própria criou. Neste conflito nasce e se desenvolve a vontade, com a qual a mente se identifica, dando assim nascimento à consciên-

cia do "eu". Se essas barreiras não existissem, haveria o contínuo preenchimento na ação e não uma luta para vencer o conflito.

Vós vos esforçais por destruir, por vencer essas limitações autoimpostas, donde apenas resulta o nascimento da resistência a que chamamos vontade. Se, porém, compreendêssemos porque essas barreiras foram criadas, nesse caso não haveria a ação de vencer, de sobrepujar, que cria ulterior resistência. Estas barreiras, estes empecilhos vieram à existência em virtude do desejo de autoproteção, travando-se, então, um conflito entre o movimento da vida eterna e esse desejo. Daí surge a tristeza e as múltiplas e bem cultivadas vias de escapulas para dela fugir. Onde houver evasão, tem que haver ilusão, tem que haver ereção de barreiras. A vontade nada mais é que outra espécie de ilusão nascida da busca da autoproteção; e é somente quando a mente se liberta de seu próprio centro de ilusões, e está criativamente vazia, que existe o discernimento daquilo que é verdadeiro.

O discernimento não resulta da vontade, pois que a vontade brota da resistência. A vontade é o resultado do conflito da seleção, porém o discernimento não seleciona.

Pergunta: Que é a ação?

Krishnamurti: Ação é o movimento não impedido da inteligência, não embaraçado pelo medo, pela compulsão, pelo conflito da escolha autoprotetora. Uma ação assim, pura, é a expressão da própria vida. Contudo, isto não é uma resposta filosófica, a ser tratada apenas como uma teoria impraticável na vida diária. Preocupamo-nos com a ação a todo o instante do dia; mas só conheceremos o êxtase desta ação não impedida quando a mente estiver a si própria se renovando por meio do preenchimento. Compreenderemos o pleno significado da ação quando o pensamento estiver livre e desimpedido. Isto é, quando houverdes passado além das falsas ilusões, dos falsos valores que haveis criado, que se tornaram o vosso ambiente, o vosso fardo, então dar-se-á o fluxo da realidade ou da vida, que é a própria ação.

Tendes que começar, individualmente, a discernir o significado do espírito de aquisição, no qual se baseia toda a estrutura do vosso pensamento e ação. No vos desembaraçardes dele, surge o sofrimento, mas só quando não ha compreensão, só quando há compulsão. Para realizar, porém, o êxtase desta ação não impedida, o pensamento tem que libertar-se dos moldes dos ideais, despertando essa incerteza que é única, a incerteza da não acumulação. Quando a mente for capaz de discernimento sem o conflito da escolha, então haverá o êxtase da ação.

Palestra em Niterói

(28 de Maio de 1935)

A maioria das pessoas por todo o mundo, estejam elas onde estiverem, acham-se descontentes, perturbadas pelas condições existentes, e esforçam-se por encontrar um meio definitivo que as leve para fora desta miséria e deste caos com seus múltiplos problemas. Cada perito oferece sua peculiar forma de solução e, como acontece, geralmente um perito contradiz os outros, e cada especialista forma, ao redor de sua teoria, um agrupamento, pelo que o propósito fundamental de ajudar a humanidade fica esquecido. Ao passo que isto se dá, discussões e querelas vão tendo curso entre os vários partidos e peritos.

Não sendo eu um perito, não estou avançando um novo sistema ou uma nova teoria para os vossos múltiplos problemas; o que desejaria, porém, era despertar a inteligência individual, a fim de que cada qual, em

vez de se tornar escravo de um sistema ou de um perito, começasse a agir inteligentemente; pois somente por essa maneira pode ter lugar uma ação cooperante e construtiva. Se cada um de nós for capaz de, sob todas as circunstancias, discernir, por si próprio, o que é a verdadeira ação, então não haverá exploração, e cada indivíduo atingirá a verdadeira consumação e viverá uma vida harmoniosa e completa.

Naturalmente, o que eu digo aplica-se às pessoas que se acham descontentes, que estão em revolta, que se estão esforçando por encontrar um meio inteligente de ação. Aplica-se aos que se acham imersos na tristeza e desejam libertar-se de toda a exploração. Todos se preocupam com este despertar através do conflito e da luta, existentes entre si próprios e o grupo, entre si e os outros indivíduos. Há a autoridade estabelecida, seja ela antiga ou moderna, que continuamente impulsiona, torce o indivíduo de modo a fazê-lo funcionar de um modo particular. Temos um sistema integral de pensar, cultivado através das idades, para o qual cada um de nós tem contribuído, e por cujo cruel dinamismo todos nós, consciente ou inconscientemente, somos arrastados. Existem, pois, uma consciência individual e uma consciência coletiva, as quais umas vezes correm paralelamente, outras em diametral oposição recíproca. Esta oposição é o despertar da tristeza. Nosso conflito, insatisfação e luta travam-se entre a autoridade estabelecida e o indivíduo; entre o que tem existência secular, que é a tradição, e o ardente desejo, por parte do indivíduo, de não ser sufocado por essa tradição, pela autoridade, e querer atingir a plenitude do preenchimento, pois somente nessa plenitude existe a felicidade criadora.

No mundo da ação, a que damos o nome de mundo material, mundo econômico, mundo da sociologia, há um sistema que impede o verdadeiro preenchimento do indivíduo; embora cada qual pense estar agindo individualmente no sistema atual, se realmente proceder a um exame dos fatos, verificará estar agindo apenas como um escravo, um autômato da ordem estabelecida. Esse sistema encerra distinções de classe baseadas na exploração aquisitiva que conduz ao nacionalismo e às guerras; traz em seu bojo os meios, a máquina de acumular riqueza nas mãos de uns poucos.. Para que o indivíduo seja de todo capaz de se expressar, completamente, tem que achar-se em constante revolta dentro desse sistema, porque, se o examinardes, verificareis ser ele fundamentalmente cruel e isento de inteligência.

Se o indivíduo quiser compreender este sistema externo, tem primeiro que se dar conta da prisão em que está, prisão por ele próprio criado em virtude de seu agressivo desejo de aquisição, e começar a derrubá-la por meio do seu sofrimento e inteligência individual. Há, a seguir, um sistema interno, igualmente cruel e explorador, a que damos o nome de religião. Por religião entendo eu esse sistema organizado de pensamento, que mantém o indivíduo no sulco de um padrão particular. No fim de contas, o Cristianismo, o Hinduísmo e o Budismo são outros tantos conjuntos de crenças, de ideias, de preceitos amadurecidos pelo temor e pela tradição, que obrigam o indivíduo, por meio da fé e da esperança ilusória, a pensar e a agir segundo uma linha particular, cegamente, sem inteligência, com a ajuda de sacerdotes exploradores. Cada religião, em todo o mundo, com seus interesses estabelecidos, suas crenças, seus dogmas e tradições, sepa-

ra o homem do homem, tal como o nacionalismo e as classes o fazem. É por completo vã a esperança de chegar a haver uma religião única por todo o orbe, quer seja ela o Hinduísmo, o Budismo ou o Cristianismo, embora seja esse o desejo dos missionários em todo o mundo. Podemos, entretanto, abordar esta ideia integral de religião, sob um ponto de vista totalmente diferente.

Por favor, escutai pacientemente, sem ideias preconcebidas, o que tenho a vos dizer, porque a religião, assim como a política, é assunto muito melindroso. Se uma pessoa é religiosa, torna-se tão dogmática, tão violenta, quando se põe em foco a estrutura de sua religião, que fica incapaz de pensar clara e retamente. Assim, pois, pediria aqueles de vós que me estão escutando, talvez pela primeira vez, que o fizessem sem nenhuma espécie de antagonismo, e com o desejo de averiguar o significado do que estou dizendo. Se pudermos compreender a vida e vivê-la, suprema e inteligentemente, com amor, no presente, aqui neste mundo, então a religião tornar-se-á completamente vã e inútil. É por não podermos fazer isto - pelo menos nos tem sido dito, constantemente, pelos exploradores, que o não podemos - que necessitamos de um sistema para seguir; isto é, eles, sem ajudarem o homem a libertar-se das limitações de um sistema, estimulam-no e mantêm-no, por meio do medo, prisioneiro da autoridade que o guiara através dos vários conflitos e perplexidades da vida.

O libertar-se meramente da ideia de religião, sem uma profunda compreensão, conduz naturalmente a afetividades, reações e pensamentos superficiais. Se realmente formos capazes de viver com profunda inteligência, então não criaremos vias de escapulas para as nossas misérias e lutas,

pois tais as religiões se tornaram. Isto é, por acharmos a vida tão difícil, com tantos problemas, com misérias aparentemente infindáveis, é que procuramos fugir-lhe; e as religiões oferecem-nos um método muito conveniente de fuga. Todos os domingos as pessoas vão à igreja para orar e praticar o amor fraternal. Durante o resto da semana empenham-se em desenfreada exploração e crueldade, cada qual buscando sua própria segurança. Vivem, portanto, as pessoas uma vida hipócrita: o domingo para Deus, o resto da semana para si próprios. Tornamos, assim, a religião uma conveniente evasiva, à qual recorremos nos momentos de dificuldade e de desgraça. Assim, por meio deste sistema a que se chama religião, com suas crenças e ideais, haveis encontrado uma via de escapula autorizada para fugir à incessante batalha do presente. No fim de tudo, os ideais que as religiões e as corporações religiosas oferecem nada mais são do que vias de fuga ao presente. Isto é, os ideais tornam-se pontos fixos para guiar o homem através deste turbilhão a que chamamos vida quotidiana.

Ora, porque é que necessitamos de ideais? Por não podermos compreender o presente, a existência diária com suas crueldades, tristezas e fealdades, é por isso que desejamos nortear-nos através da vida por meio de algum ideal; de modo que os ideais tornam-se, fundamentalmente, uma via de escapula ao presente. Nossa mente é uma prisioneira da criação de múltiplas evasões para evitar o presente, o qual unicamente é o eterno. Achando-se prisioneira delas, a mente necessita naturalmente estar em constante luta com o presente. Portanto, em lugar de procurar novos métodos, novas prisões, deveríamos compreender como a mente cria essas vias de evasão. Consequentemente, a interrogação a fazer é esta: Estais, por-

ventura, satisfeitos de viver nesta prisão de ilusões, nesta prisão de crenças obrigatórias, com tudo que ela tem de estulto e com todos os seus sofrimentos? Ou estais individualmente descontentes e em revolta, pessoalmente insatisfeitos, desejando desembaraçar-vos de semelhante sistema e, por vós próprios, procurando descobrir a verdade? Se vos achais candidamente satisfeitos em permanecer na prisão, então a única coisa que vos pode despertar é a tristeza. Quando, porém, essa tristeza chega, buscais meios de lhe escapar e, assim, criais nova prisão. Ides, assim, de um sofrimento a outro, e, como resultado, forjais nada menos que um mais pesado cativeiro. Se, porém, verificardes a completa futilidade de quaisquer escapulas, de ideais ou de crenças, então, com intenso apercebimento, compreendereis o verdadeiro significado das crenças, das tradições e dos ideais. No compreender seu profundo significado, a mente, liberta de toda a ilusão, é capaz de discernir o verdadeiro, o perdurável. Assim, pois, em vez de apenas buscardes novos sistemas, novos métodos para substituir os atuais sistemas de pensamento e de exploração, de evasões sutis, tornai a atualidade tal qual ela é, com todas as suas explorações, crueldades e bestialidades, e perscrutai o verdadeiro significado desse sistema; e isto somente pode ser feito quando há grande sofrimento. Por meio deste inquirir, deste interrogar, verificareis, por vós mesmos, a consumação de toda a existência humana, a inteligência, pois que, sem ela, a vida torna-se superficial, vazia, e o sofrimento mera e infindável recorrência.

Portanto, se aqueles que sofrem tentarem compreender o presente, em sua plena profundeza, sem nenhum temor, sem nenhum desejo de evasão, advirá então, sem necessidade alguma de sacerdotes e salvadores, a reali-

zação daquilo que é perdurável, daquilo que não pode ser expresso por meio de palavras.

Pergunta: Se a inteligência da maioria das pessoas for tão limitada que elas não possam encontrar a verdade por si próprias, não serão os Mestres e os instrutores necessários para mostrar-lhes o caminho?

Krishnamurti: Basta a ideia de supormos que o não inteligente necessita do inteligente para mantermos o não inteligente sempre em seu estado de não inteligência. Se imaginardes que um tolo necessita de um guia, de um Mestre, criareis circunstâncias que o mantêm em sua ignorância. Se o homem inteligente percebe a necessidade de ajudar a um ignorante, não em direção a um sistema, crença ou dogma particular, porém de auxiliá-lo a ser inteligente, então o não inteligente,não será explorado. Não se trata, também, de saber se o ignorante necessita de Mestres, de salvadores, mas de saber se vós deles necessitais. Ao pôr em cheque esta necessidade, descobrireis que ninguém vos pode salvar, que ninguém vos pode dar compreensão, pois que esta reside em vosso próprio discernimento. A inteligência não é dádiva de Mestres e instrutores, porem faz parte da vossa própria percepção e ação criadoras.

Pergunta: Não pode o homem ser liberto por meio da ciência?

Krishnamurti: Ela pode poupar ao homem muitas tristezas, porém sabemos que, na atualidade, é grande a proporção de sofrimentos, de misérias, de explorações, malgrado o avanço da ciência. Toda a gente conhece a bestialidade e a fealdade da guerra, que é o resultado do interesse pecuniário e do nacionalismo. De que modo impediu a ciência este sofrimento e esta enfermidade? É o coração do homem que necessita ser modificado; entretanto, porque esperar por um determinado dia futuro, quando está em vosso poder produzir, agora mesmo, uma inteligente e salutar alteração?

Pergunta: Desejaria saber se necessitamos de oração e como devemos orar?

Krishnamurti: Senhor, não será a ideia fundamental da prece a de buscar auxílio, entendimento, para além de nós mesmos? Se assim é, estaremos dependendo de algo que nos apouca em nossa própria inteligência.

Pergunta: É a alma uma realidade?

Krishnamurti: Uma vez mais, pediria ao auditório que, sem preconceitos nem beatice, atentasse neste ponto.

Quando falais da "alma", entendeis algo existente entre o material e Deus, entre o atual e o real. E, destarte, dividis a vida em matéria, espírito e Deus. Não é assim? Se me é permitido dizê-lo, vós que falais de alma nada sabeis a respeito, apenas aceitais o que se vos diz, baseados em alguma autoridade, ou baseados em alguma esperança ou em algum anseio não satisfeito. Muitas são as ideias fundamentais por vós aceitas, garantidas por alheia autoridade, tal qual fazeis quando credes ser a "alma" uma realidade. Atentai, peço-vos, no que vou dizer-vos, sem nenhuma espécie de preconceito, quer a favor quer contra a noção de alma, e sem nenhuma ideia preestabelecida, a fim de descobrirdes o que é verdadeiro. A única coisa real que conhecemos, com a qual temos que nos preocupar, é o sofrimento; somos conscientes desta constante insatisfação, desta limitação, deste sentimento de falta de inteireza que determina conflito e sofrimento. Esta consciência da tristeza é a coisa única, real, que vos pode servir de ponto de partida, e, somente compreendendo a causa do sofrimento e inteligentemente vos libertando dela, é que advirá o êxtase da realidade. Quando a mente se houver desembaraçado de todas as ilusões e esperanças, então terá lugar a beatitude da realidade. Através de todo este conflito

e miséria, sente-se que deve haver uma realidade, um Deus, uma inteligência infinita, ou como quer que o chameis. Esse sentimento pode ser mera reação da angustia que experimentamos, não verdadeiro portanto, e é possível que, ao segui-lo, nos enredemos em crescente ilusão. Pode ser também o desejo intrínseco de descortinar a verdade, que não pode ser medida nem sistematizada.

Se pudermos descobrir o que cria o conflito e quem é o criador da tristeza, no desarraigar a sua causa terá lugar a verdadeira felicidade do homem. Esta batalha quase incessante, esta aparentemente infindável tristeza, é criada por essa consciência limitada que chamamos o "eu". Como expliquei em minha rápida palestra, criamos ao redor de nós muitos valores falsos e falsos ideais, aos quais a mente se escravizou; e uma luta contínua trava-se entre as ilusões e o presente, e tem que haver sempre conflito, enquanto essas ilusões de autoproteção existirem. Este conflito cria em nossas mentes a ideia do particular, do "eu". E, assim, desta consciência limitada surge a divisão entre o "eu" impermanente e o "eu" permanente, o eterno. Quando a mente está inteiramente liberta das ilusões de autoproteção e de seus valores, que, como disse, são a causa da consciência limitada e de suas múltiplas estultices, então cada indivíduo verificará, por si próprio, se existe a verdade ou não. Se eu dissesse, simplesmente, que a alma existe, só viria acrescentar mais uma crença às vossas crenças múltiplas. Portanto, que valor teria isso? Ao passo que o fato único de que evidentemente somos conscientes é esta luta, este sofrimento, esta exploração, da qual nos tornamos escravos; e libertando-nos inteligentemente dela, sem lhe fugir, discerniremos o perdurável do transitório, o real da ilusão.

Pergunta: Não é o egoísmo a raiz da exploração econômica e religiosa?

Krishnamurti: Não é óbvio, senhor? Foi o egoísmo que criou as gaiolas da religião, e o egoísmo que cria a exploração dos povos. O interrogante está ciente desse fato, porém que é que faz' Sabemos que há cruel exploração por parte dos astutos e dos habilidosos; sabemos que existe a miséria no meio da opulência. Terá, porém, o interrogante inquirido a si próprio, senão estará também tomando parte nesta luta cruel, estúpida de aquisições? Se na verdade ele sentisse o espantoso absurdo de tudo isto e agisse inteligentemente, tornar-se-ia como uma chama consumindo todas as estultices que o rodeiam.

Pergunta: Deixo a minha imaginação vaguear intemeratamente; estará isto certo?

Krishnamurti: Efetivamente, muitas coisas ainda podem atemorizar-vos. Esse voo da imaginação é mais uma evasão aos problemas da vida.

Se é uma evasão, é uma completa perda de energia mental. Esta energia só pode tornar-se criadora e efetiva quando o indivíduo se libertar dos temores e das ilusões que as tradições e os desejos autoprotetores lhe impuseram.

Pergunta: Estais pregando o individualismo?

Krishnamurti: Receio que o consulente não tenha, por completo, entendido o que eu disse. Eu, em absoluto, não advogo o individualismo. Infortunadamente, a grande maioria das pessoas dificilmente encontram uma oportunidade de expressão individual; podem elas supor que estão agindo voluntária e livremente; triste é, porém, dizer que são meras maquinas funcionando dentro de um sulco particular, sob a compulsão das circunstancias e do ambiente. Como pode, pois, dar-se a consumação individual, que é a mais elevada forma de inteligência? Àquilo a que chamamos expressão individual - e é o caso que se dá com a maioria das pessoas - nada mais é que uma reação, na qual há mui pouca inteligência. Existe, porém, uma espécie diferente de individualidade, a da uniquidade, resultante da ação voluntária e compreensiva. Isto é, se alguém compreende o ambiente e atua com inteligência e discernimento, então há verdadeira individualidade. Esta uniquidade não é separatista, pois que é a própria inteligência. A inteligência é só, é única.

Se, porém, agirdes meramente propelidos pelas circunstancias, então, embora imagineis ser um indivíduo, vossas ações serão apenas reações desprovidas de verdadeira inteligência. É pelo fato de ser o indivíduo atual mera reação, na qual não pode haver inteligência, que existe caos no mundo, onde cada indivíduo busca a sua própria segurança e insensata consumação. A inteligência é única, não pode ser dividida em minha e vossa. Só a ausência de inteligência pode ser separada em unidades, sob a forma de meu e de teu, e nisso está a fealdade da distinção, da qual nascem a exploração, a crueldade e a tristeza.